



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|--|--|
| ☐ Ambiente e Sustentabilidade | ☒ Crítica, Documentação e Reflexão | ☐ Espaço Público e Cidadania |
| ☐ Habitação e Direito à Cidade | ☐ Infraestrutura e Mobilidade | ☐ Novos processos e novas tecnologias |
| ☐ Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

A produção territorial de Maceió documentada: reflexões sobre intervenções de embelezamento no riacho Maceió e seus rebatimentos no espaço urbano

The territorial production of Maceió documented: reflections about beautification interventions in the Maceió creek and their urban impacts

La producción territorial de Maceió documentado: reflexiones sobre las intervenciones de embellecimiento em Maceió e rebatimentos en el espacio urbano

BARROS, Carlina Rocha de Almeida (1);

DOS SANTOS, Caroline Gonçalves (2);

Grupo SobreUrbano (3)

(1) Professora Mestre, Centro Universitário CESMAC, Maceió, AL, Brasil; email: carlinarocha@hotmail.com

(2) Professora Mestre, Centro Universitário CESMAC, Maceió, AL, Brasil; email: santoscarolineg@yahoo.com.br

(3) Grupo de pesquisa de iniciação científica composto pela aluna de graduação em Arquitetura e Urbanismo e Bolsista do CNPq Roberta Félix Maia e a aluna colaboradora Sibéria Freitas de Carvalho, Centro Universitário CESMAC, Maceió, AL, Brasil; email: robertamaiaa@outlook.com; email: siberiafreitas@hotmail.com

A produção territorial de Maceió documentada: reflexões sobre intervenções de embelezamento no riacho Maceió e seus rebatimentos no espaço urbano

The territorial production of Maceió documented: reflections about beautification interventions in the Maceió creek and their urban impacts

La producción territorial de Maceió documentado: reflexiones sobre las intervenciones de embellecimiento en Maceió e rebatimentos en el espacio urbano

RESUMO

Em busca de modernização e imponência à semelhança de outras importantes cidades do Brasil no início do século XX, o plano de urbanização de Maceió-Alagoas foi contratado e teve como foco obras de embelezamento que propiciassem, ao mesmo tempo, soluções às áreas encharcadas consideradas causa de miasmas e doenças para a cidade. O riacho Maceió que teve presença marcante no início da ocupação urbana, caracterizando-se como elemento de importância paisagística e referencial do lugar, teve seu curso original alterado de maneira brusca no final da década de 1940, justificado pela crescente necessidade de expansão da cidade. Hoje, transformado em canal de esgotamento, o significado que outrora esse elemento representou está documentado em jornais, postais e estudos para intervenção, mas se perde no imaginário coletivo. Portanto, este artigo objetiva reconstruir esse processo histórico de produção levando a reflexões, esperando contribuir para a história urbana de Maceió.

PALAVRAS-CHAVE: espaço urbano, embelezamento, Maceió, registros urbanos

ABSTRACT

In pursuit of modernization and magnificence like other major cities of Brazil in the early twentieth century, the urbanization plan of Maceió-Alagoas was requested, and focused on beautification works that could provide at the same time, the solutions for soaked areas considered cause of miasmas and disease to the city. The Maceió creek that had a strong presence in the early urban settlements, characterized as an element of landscape importance and referential place, had its original course changed drastically in the late 1940s, justified by the increasing need for city expansion. Today, transformed into the city sewage channel, the meaning of this element is documented in newspaper, postcards and studies for interventions, but lost in the collective imagination. Therefore, this article aims to reconstruct this history process of production leading to reflections, hoping to contribute to the urban history of Maceió.

KEY-WORDS: urban space, beautification, Maceió, urban records

RESUMEN

En la búsqueda de la modernización y la magnificencia, como otras grandes ciudades de Brasil a principios del siglo XX, se pidió al plan de urbanización de Maceió-Alagoas, y se centró en las obras de embellecimiento que podrían proporcionar, al mismo tiempo, las soluciones para las áreas empapadas considerados causa de miasmas y la enfermedad a la ciudad. El Maceió arroyo que tenía una fuerte presencia en los asentamientos urbanos primeros, que se caracteriza como un elemento de importancia paisaje y el lugar de referencia, tuvo su curso original cambió drásticamente a finales de 1940, que se justifica por la creciente necesidad de expansión de la ciudad. Hoy, convertido en el canal de aguas negras de la ciudad, el significado de este elemento se encuentra documentado en el diario, las postales y los estudios de las intervenciones, pero perdió en el imaginario colectivo. Por lo tanto, este artículo pretende reconstruir este proceso la historia de la producción que lleva a las reflexiones, con la esperanza de contribuir a la historia urbana de Maceió.

PALABRAS-CLAVE: espacio urbano, embellecimiento, Maceió, registros urbanos

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo reconstruir o significado e importância do riacho Maceió no processo histórico de produção urbana da cidade homônima por meio do resgate de registros em jornais, mapas, planos e outros documentos datados de 1947 a 1949. Almeja-se assim, a compreensão da construção territorial que decorreu das constantes interações homem e natureza e os fatores políticos, econômicos e sociais que levaram à situação atual do riacho, em que assume para os transeuntes o sentido de canal de esgotamento.

2 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

A transformação pela qual passam as cidades contemporâneas, tornando-as cada vez mais urbanizadas, tem deixado marcas profundas na relação entre cidades e seu meio físico natural.

As relações entre o homem e o meio físico natural sempre se deram através da técnica, que com o passar do tempo foi evoluindo em detrimento de um maior domínio sobre a natureza. As transformações que foram operadas refletem não apenas mudanças materiais como também socioculturais, que geram aquilo que Santos (2006) chama de espaço, resultado de uma complexa rede de relações entre sociedade e natureza influenciada pelo desenvolvimento da técnica. Esse fato possibilitou um domínio cada vez maior do meio natural pelo homem, especialmente com a evolução das sociedades modernas, que trouxeram consigo novas relações de produção e trabalho e a criação de ambientes urbanos mais adensados e carentes de salubridade.

A pressão cada vez maior do meio urbano sobre os elementos naturais, estes cada vez mais incorporados, influenciou na forma como esses elementos foram (e continuam sendo) apropriados e percebidos pela sociedade em momentos históricos e segundo interesses diversos.

[...] Desse modo, o conhecimento dos sistemas técnicos sucessivos é essencial para o entendimento das diversas formas históricas de estruturação, funcionamento e articulação dos territórios, desde os albosres da história até a época atual. Cada período é portador de um sentido, partilhado pelo espaço e pela sociedade, representativo da forma como a história realiza as promessas da técnica (SANTOS, 2006, p. 62).

Com a transformação do meio físico natural através do desenvolvimento da técnica, o meio urbano pôde se expandir e supostamente dominar os elementos naturais presentes em seus perímetros cada vez mais extensos, de forma muitas vezes drástica e com sérias consequências. “O meio urbano é cada vez mais um meio artificial, fabricado com restos da natureza primitiva, crescentemente encobertos pelas obras do homem” (SANTOS, 2012, p. 46).

No Brasil assim como em outros países do mundo, como resposta a essas novas demandas urbanas foram desencadeadas profundas alterações nos elementos físicos naturais presentes nas cidades, sendo os rios um dos que sofreram maior influência da técnica a serviço do homem. Grandes, médios e pequenos corpos d’água estão presentes em localidades urbanas diversas, configurando-se como essenciais na formação e evolução desses espaços. Inicialmente eram utilizados como meio de circulação de pessoas e mercadorias, além de se apresentarem como importantes elementos de onde muitos tinham o seu sustento e lazer.

Especialmente ao longo dos séculos XIX e XX, momentos cruciais no desenvolvimento da técnica pelo homem, os rios urbanos foram sendo alterados, resultado de interesses higienistas e também de cunho econômico. Diante dessas novas relações entre sociedade e espaço

ocorrem transformações não apenas materiais, de retificação ou canalização dessas águas, mas também de sentido e apropriação desses elementos naturais pela sociedade.

As transformações decorrentes da ação do homem sobre esse elemento natural e suas margens, num processo de construção social ao longo da história, resultaram nas paisagens atuais repletas de diversas camadas de significados (ANTUNES, 2006, p. 121).

A ação do homem sobre os cursos d'água urbanos desencadeou uma série de intervenções que influenciaram de forma decisiva a maneira como esses elementos foram incorporados ao meio urbano, expressão das relações sociais, frequentemente estabelecendo quebras de relações identitárias.

Assim, as consequências dessas ações implicam em grandes transformações no meio urbano seguidas de um distanciamento cada vez mais evidente do espaço natural, de modo que com o passar dos anos perde-se no imaginário coletivo símbolos e significados tão importantes no processo histórico de produção urbana de uma cidade.

Entretanto, por meio de documentos, jornais e demais registros da época é possível resgatar fatos e sentidos históricos de um lugar, e se novamente documentados podem contribuir para o restabelecimento de significativas relações de uma cidade.

REGISTROS DOS PROCESSOS HISTÓRICOS DE PRODUÇÃO URBANA

Os processos históricos e seus aspectos socioculturais, econômicos e políticos de produção do espaço urbano, por meio das relações entre sociedade e natureza, vêm sendo registrados pela mídia ao longo do tempo.

Segundo Freyre (1979), os anúncios de jornal fornecem elementos preciosos aos cientistas modernos que estejam dispostos a reconstituir passados desfeitos. Em obra sobre escravos brasileiros no século XIX, Freyre recorreu aos jornais para caracterizar o contexto social, político e econômico.

Assim, o estudo dos fatos cotidianos, da autorização de obras públicas urbanas e acompanhamento das mesmas pela população, podem auxiliar no resgate do processo histórico de produção urbana de cidades.

A informação é produzida dessa forma pelo comunicador, que explicita e interpreta as notícias, cria uma espécie de síntese sobre os principais acontecimentos de uma cidade, sejam econômicos, sociais, políticos, culturais, religiosos ou esportivos. Além do que, registram as transformações ocorridas numa sociedade através das atividades produzidas pelos homens, que configuram esse todo complexo da paisagem, não podendo dessa forma separar a paisagem das condições políticas, econômicas e socioculturais.

Nesse sentido, as paisagens urbanas sofrem grande interferência a todo instante e para compreendê-la é preciso explicar sua gênese temporal. Essa compreensão deve estar associada à dinâmica da própria sociedade, de seu conjunto de técnicas, de sua divisão social do trabalho. Isso permitirá a construção da paisagem em suas várias etapas, que vai se somando e adquirindo novos significados, especialmente a partir das intervenções diretas do ser humano no território natural que em muitos casos se dá de forma drástica e negativa.

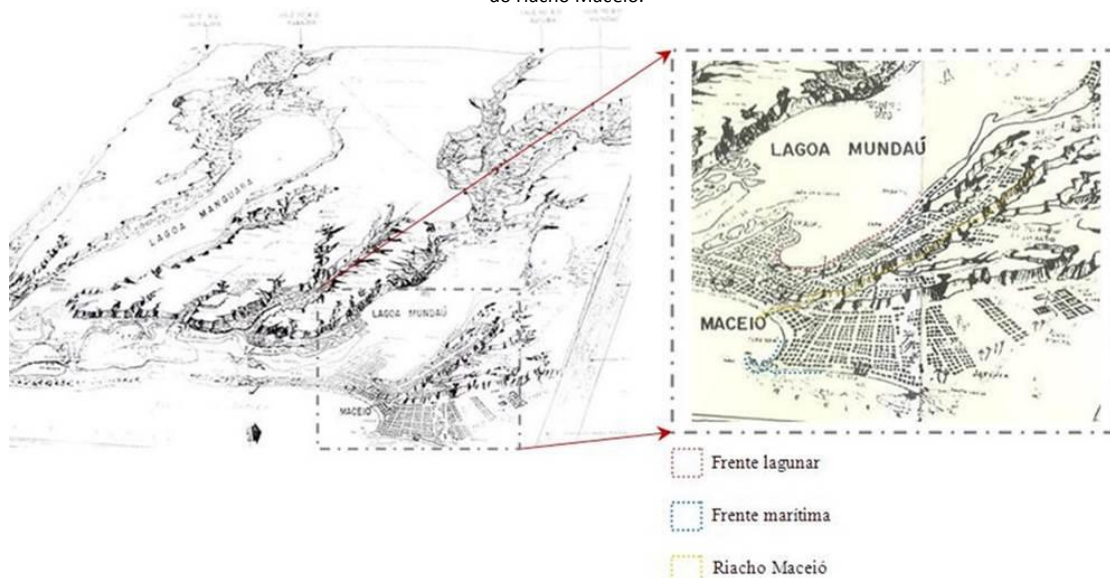
A partir desse entendimento, o artigo pretende resgatar informações sobre as intervenções de embelezamento que se deram em Maceió e no riacho homônimo, bem como seus impactos na

produção territorial da cidade em meados do século XX com base nas notícias de jornais referentes ao período de 1947 a 1949.

3 O RIACHO MACEIÓ E SUA RELAÇÃO COM A OCUPAÇÃO URBANA DA CIDADE

A cidade de Maceió, capital de Alagoas localizada no Nordeste brasileiro, traz em seu nome uma alusão ao seu sítio natural, com a forte presença de áreas alagáveis e corpos d'água essenciais para o desenvolvimento e transporte local nos primórdios da ocupação urbana¹. Tendo como limites a leste o oceano Atlântico e a oeste a lagoa Mundaú, desde o seu surgimento Maceió estabeleceu uma relação intrínseca com suas águas, especialmente a partir das ligações marítima e fluvial² (Fig.1).

Figura 1 – Localização de Maceió em complexo de águas que a limita, com detalhe para as frentes marítima e fluvial, e localização do riacho Maceió.



Fonte: LIMA, 2010, p. 58-60. Adaptado, 2014.

Assim como as águas foram essenciais para a permanência no sítio urbano, pois serviam de escoamento para as mercadorias e deslocamento de pessoas, também causavam problemas, como enchentes que ainda fugiam do controle. Na entrada do séc. XX Maceió era “[...] uma nova cidade que ganha porte na medida em que dois pontos são fortalecidos: as entradas e a saída, as estradas e o fundeadoiro, o modo de ser relacionado à economia agroexportadora” (ALMEIDA, 2011, p. 24).

Desde a transferência da capital do Estado para Maceió em 1839, uma série de intervenções urbanas com finalidades higienistas e de embelezamento foram transformando paulatinamente a natureza local, de forma que o terreno pantanoso composto por rios e alagadiços, “[...] para a sua posterior integração no espaço urbano [...] passou por profundas

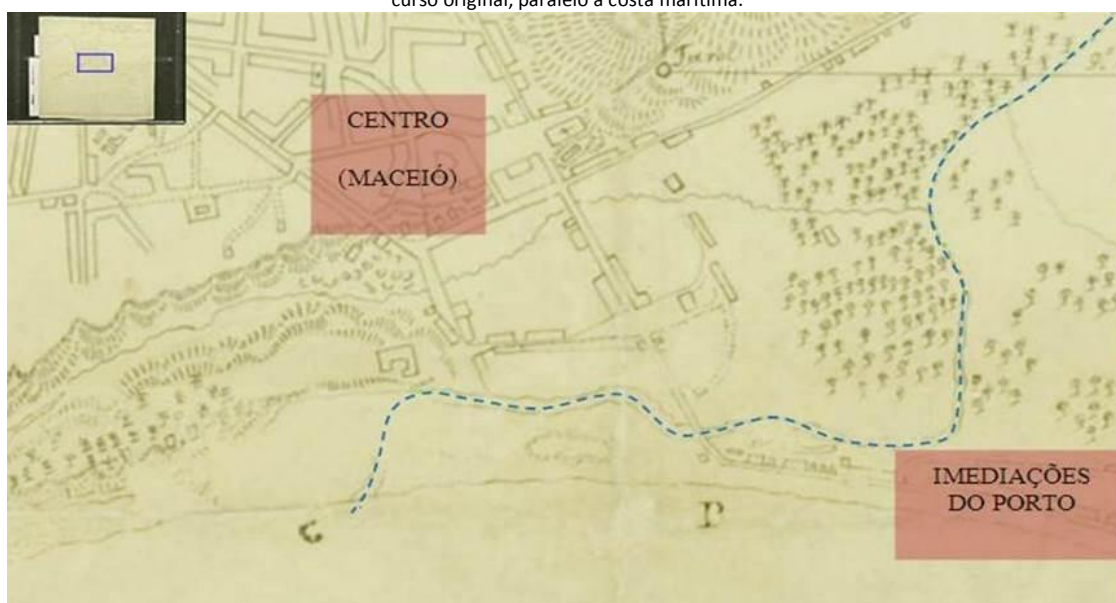
¹ Nome de origem indígena (tupi), e que segundo Abelardo Duarte (1965) originou-se a partir de um riacho chamado Massayó ou Maçai-ok, que significa “aquilo que tapa o alagadiço”, que posteriormente pode ter dado nome a um antigo engenho de açúcar localizado onde hoje é o Centro da cidade, um dos primeiros focos populacionais.

² Não à toa o povo alagoano é descrito por Lindoso (2005) como um povo “anfíbio”, numa alusão à importância que as águas sempre tiveram na conformação do território e no desenvolvimento do Estado.

transformações através de aterro e drenagem que alterou o sítio original ao longo dos séculos de desenvolvimento da cidade” (CAVALCANTI, 1998, p. 47).

As transformações urbanas tinham ainda motivações políticas e econômicas em busca de uma maior mobilidade entre as duas regiões que compunham a cidade naquele momento: o Centro (comercial), também conhecido como Maceió; e o porto marítimo, na localidade chamada de Jaraguá. A drenagem das áreas alagáveis facilitava o escoamento da produção de cana-de-açúcar vinda de engenhos localizados nas imediações das lagoas até o porto, e o riacho Maceió³ apresentava meandros que supostamente dificultavam essa ligação, limitando a expansão urbana e a dinâmica econômica (Fig.2).

Figura 2 - Detalhe de uma planta da cidade em 1865: o riacho (em destaque) ainda com suas margens vegetadas e apresentando curso original, paralelo à costa marítima.



Fonte: Organizada pelo eng^a civil Carlos Boltenstern em 1865. Disponível em:
<<http://sistemas.ahex.ensino.eb.br/sistarq/imagem.php?codigounion=mapo1486>>. Acesso em: 17 fev 2014

Segundo o detalhe da planta da cidade observado na Figura 2, até 1865 o riacho apresentava em suas margens e entorno imediato uma grande área arborizada⁴, especialmente rumo ao norte, em contraste com a ocupação urbana que parecia bastante concentrada no Centro em descontinuidade com uma ocupação incipiente junto ao porto. O riacho claramente limitava a ligação entre esses dois núcleos, estando o porto em processo de crescimento.

Considerado referencial de acesso à cidade a partir do porto através da Ponte dos Fonseca⁵, atualmente o riacho não é mais reconhecido como tal. A urbanização no decorrer dos séculos XIX e XX acarretou na ocupação de toda a sua extensão urbana, que se tornou foco de

³ Também conhecido como riacho Reginaldo, em alusão ao nome de um antigo dono das terras que o envolviam; e também como Salgadinho, já mais próximo à sua foz, devido ao encontro com o mar. O riacho possui outras denominações ao longo de seu trajeto de cerca de 50km, segundo especificidades de cada trecho da cidade.

⁴ Há uma possibilidade de a área vegetada em questão ser parte de chácaras urbanas existentes nas imediações do que é hoje o bairro do Poço para cultivo e criação de animais, segundo informações levantadas em Cavalcanti (1998). Também pode ser uma representação de mata ciliar ou ribeirinha.

⁵ Inicialmente em madeira, a versão construída em ferro em 1870 foi destruída por uma enxurrada do riacho em 1924.

habitações precárias nas margens desmatadas e foi tomando maior vulto com o passar das décadas e o incremento populacional devido a processos migratórios (Fig.3).

O Reginaldo ou riacho Maceió é um rio infante com as graves mazelas dos rios velhos. Nisto, há um culpado: é o Homem que, criminalmente, cortou suas matas [...] Com que saudade, auxiliado por um bom velho evoquei teu passado quando invadias a mata de sucupiras da margem esquerda, hoje substituída pelos casebres! (BRANDÃO, 2001, p. 103).

Figura 3 - Ocupação das margens do riacho, provavelmente no médio curso, na década de 1920.



Fonte: Imagem de domínio público, 2013.

Segundo a descrição de Brandão, é possível perceber que já no início do século XX havia não apenas a degradação das margens do riacho como também a sua ocupação com moradias simples e muitas vezes improvisadas. Santos (2012, p. 73) afirma que a paisagem “[...] é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos”, e a situação atual do riacho reflete as relações entre sociedade e natureza acumuladas ao longo do processo de urbanização de Maceió, assim como as consequências dessas na apropriação do elemento natural, comprometida pela degradação e poluição atual do riacho.

4 O PLANO DE EMBELEZAMENTO E DE EXPANSÃO DA CIDADE E OS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO TERRITORIAL DA CIDADE

O território não se coloca apenas como uma dimensão material, embora possa ser assim representado, mas como o espaço onde se expressam as relações sociais. Dessa forma surge o que Albagli (2004) chama de territorialidade, que se refere às relações do indivíduo com o seu meio de referência, em diversas escalas, expressando um sentido de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado espaço geográfico e que rebate diretamente nas ações da sociedade sobre a natureza.

Assim como em tantas outras cidades, Maceió, localizada no Nordeste brasileiro, apresentava um território repleto de cursos d'água de portes diversos que como salientado marcaram a sua ocupação urbana ao longo do séc. XIX. Além da lagoa e de vários canais existentes, o riacho Maceió marcava a paisagem local e a separação física entre os dois núcleos iniciais de povoamento, constituindo-se em um obstáculo à expansão e conexão urbana. De modo que as intervenções que sucederam, embora resultantes da relação entre sociedade e natureza da época, produziram o território que temos hoje, bem como a territorialidade resultante em que há uma negação da importância e do significado do riacho, passando a ser percebido apenas como canal de esgotamento da cidade.

Para compreender essa alteração de símbolos e significados no imaginário coletivo fez-se mister reconstruir essa marcante intervenção pela qual passou o riacho Maceió, tendo seu curso original bruscamente alterado no final da década de 1940. Para isso recorreu-se a mapas, planos e jornais da época.

Apesar de ter uma ocupação que remonta ao séc. XVIII, Maceió passa a ganhar maior notoriedade a partir do séc. XIX devido à posição marítima e topográfica, considerado um ponto central no território alagoano ideal para ser a Capital e administração da Província, segundo discurso do governador Silva Neves quando da mudança da capital em 1839 (MARROQUIM, 1922)⁶.

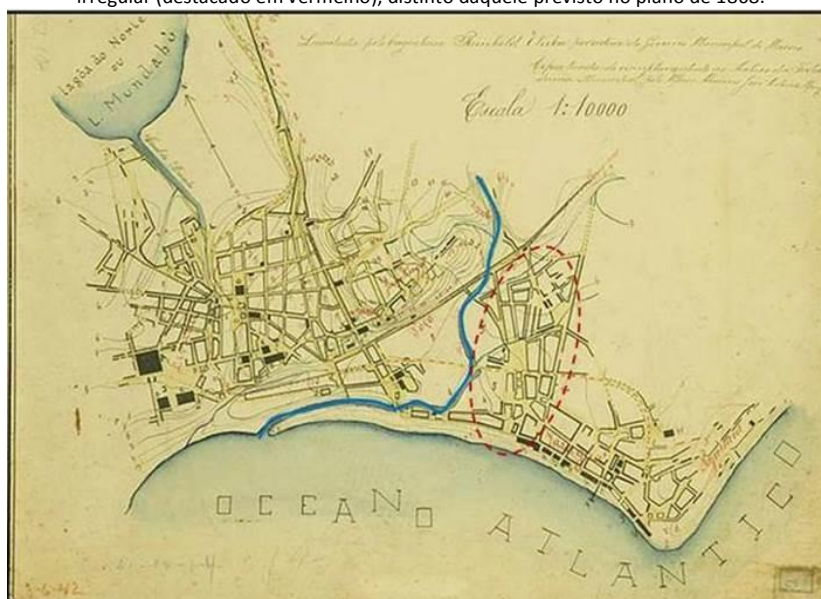
Como cidade e Capital da Província inicia um processo acelerado de desenvolvimento urbano, o que acarretou em planos que explicitavam inicialmente demandas econômicas, mas também demandas sociais com o passar das décadas. “[...] entre 1840 e 1869 Maceió se urbanizava numa linda cidade ordenada de bons prédios particulares e elegantes edifícios públicos, sendo assim uma capital de província que tinha aumentado e progredido” (LINDOSO, 2005, p. 48).

Com a instituição do regime republicano, a partir de 1890 acontece em Maceió um grande surto progressista resultado da ampliação das finanças públicas (DIEGUES JUNIOR, 2001). Abriam-se e alargavam-se ruas, constroem-se praças, e em 1894 a cidade já se dividia em 3 bairros distintos: Maceió (centro comercial), Jaraguá e Levada ou Ponta Grossa, este último na planície lagunar⁷. Junto ao riacho Maceió, no início do séc. XX já é possível perceber uma ocupação de forma aparentemente não planejada (Fig.4).

⁶ Antes mesmo de vir a se tornar Capital, a elevação de Maceió à vila em 1815 já indicava a sua importância devido especialmente ao porto.

⁷ ALMANAK do Estado de Alagoas. Maceió: Typ. do Gutemberg, 1891-1894: p. 70. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/almanak-estado-alagoas/707430>>. Acesso em: 10 fev 2014.

Figura 4 - Planta da cidade em 1902: a ocupação ao longo do riacho Maceió já se apresenta de forma expressiva e com traçado irregular (destacado em vermelho), distinto daquele previsto no plano de 1868.



Fonte: Planta levantada pelo Eng^o Reinhold Cvikse em 1902. Disponível em:

<<http://sistemas.ahex.ensino.eb.br/sistatq/imagem.php?codigounion=mapo1503>> Acesso em 17 fev 2014. Adaptado, 2014.

Até então os planos e plantas apresentam um riacho que aos poucos é inserido no contexto urbano, tendo suas margens ocupadas no baixo curso e como parte integrante do sistema de mobilidade urbana. Segundo relatos encontrados em jornais e periódicos da época, percebe-se que neste momento já existe uma mudança de sentido do riacho para a população, até então tido como cartão postal da cidade (Fig.5)⁸. Provavelmente no início do séc. XX começa seu processo de degradação e poluição, resultado da ausência de saneamento e da expansão urbana ao longo de suas margens⁹, influências da sociedade sobre o meio.

Figura 5 - Cartão postal de 1910-1911: vista da praça Euclides Malta (atual Sinimbu) com riacho Maceió em primeiro plano.



Fonte: CAMPELO, 2009, p. 92.

⁸ Observar as margens retificadas do riacho com vegetação no talude em virtude das obras de embelezamento.

⁹ Segundo Cavalcanti (1998), até o séc. XIX todos os resíduos urbanos eram despejados nos pântanos de Maceió.

Ferrare (2008) aponta que até as décadas de 1910 e de 1920, assim como era corriqueiro entre as cidades brasileiras o gosto pelos passeios nas praças e espaços públicos, em Maceió o eixo que propiciava o traço de união entre o Centro e Jaraguá através da Ponte dos Fonseca (Fig. 6)¹⁰ que atravessava o riacho Maceió, tornou-se o eixo de excelência dos passeios dos moradores, passando pela Avenida da Paz, a essa época recém-construída sob os princípios de modernização da cidade.

Figura 6 - Ponte dos Fonseca (canto direito) sobre o riacho Maceió em meados da década de 1920.



Fonte: Domínio público, s/data. Acesso em 2014.

Entretanto, acrescenta Ferrare (2008, p.7), apesar de todo esse entorno construído e tão representativo do contexto sócio-político-econômico do Período Republicano, veio a sofrer abruptas mudanças em seu cenário quando os “arroubos do progresso exigiram o aterro do leito do Riacho Salgadinho e o seu desembocar direto na Praia da Avenida, em troca de uma faixa de solo disponível para mais construções”.

Com a ampliação do porto em fins da década de 1930, a área demanda novas possibilidades. O riacho Maceió e seus meandros ainda são vistos como obstáculos à expansão urbana e à ampliação/ ocupação da costa, o que fica evidente em reportagens como a veiculada pelo *Jornal de Alagoas*¹¹ em 1947 e que trata da importância de um projeto de retificação do riacho, enfatizando a estética da obra e a “proteção das margens” (Fig.7).

¹⁰ Observar as margens naturais após a enchente de 1924 que destruiu a ponte de ferro, sendo reconstruída com balaústres de alvenaria.

¹¹ Segundo Marroquim (1922), o mais antigo dos diários de Maceió é o *Jornal de Alagoas*, fundado em 31 de maio de 1908 por Luiz Magalhães da Silveira.

Figura 7 - Notícia do Jornal de Alagoas e que revela o discurso sobre futura obra de retificação e canalização do riacho Maceió.



Fonte: Jornal de Alagoas, 22 de Maio de 1947. Disponível em Arquivo Público de Alagoas, 2014.

Em outra edição do Jornal de Alagoas em 1948 (Fig. 8), afirma-se que o plano de urbanização contratado para Maceió daria à capital um aspecto de desenvolvimento e imponência à semelhança de outras cidades importantes do país. No projeto constavam: o prolongamento da Avenida Duque de Caxias, remodelagem da Avenida Barão de Anadia ligando-a por aterros dispendiosos, e pavimentação moderna ao prolongamento proposto da Av. Duque de Caxias. Como isso, acreditava-se que se resolveria o problema de tráfego entre Maceió (centro comercial) e Jaraguá, conferindo também um aspecto de embelezamento à capital.

Figura 8 – Notícia do Jornal de Alagoas que revela ações do projeto de urbanização de Maceió.

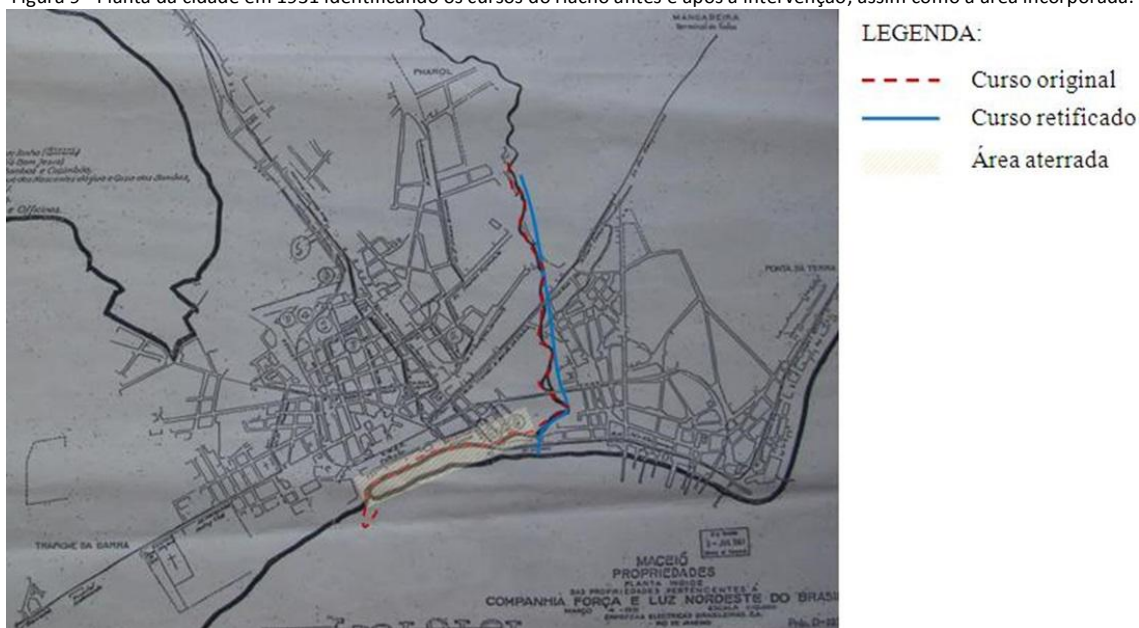


Fonte: Jornal de Alagoas, 31 de maio de 1948. Disponível em Arquivo Público de Alagoas, 2014.

Assim, durante os anos de 1947 e 1948 o riacho passa por uma drástica transformação de sua paisagem, sendo canalizado e retificado. A foz foi bruscamente alterada a fim de possibilitar a

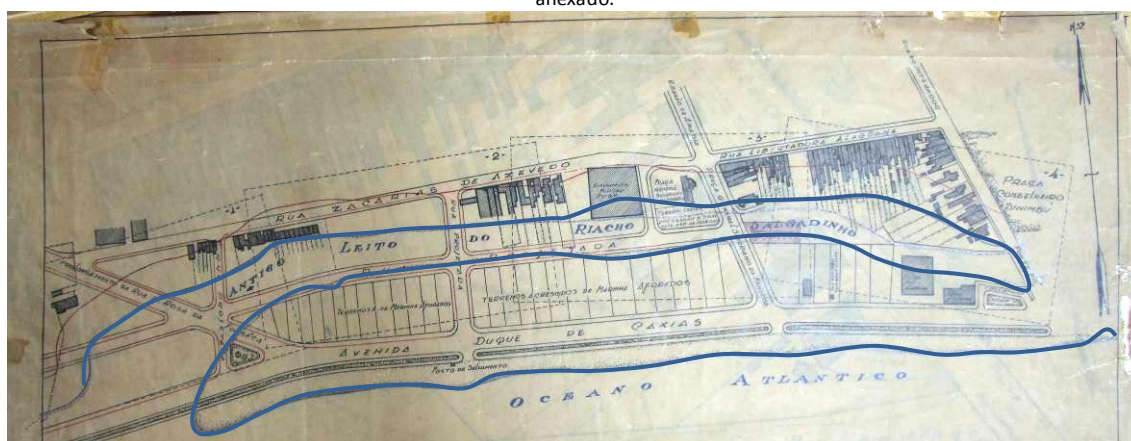
ampliação da Av. Duque de Caxias e a ligação com o Centro, além da anexação de terra firme (Fig. 9 e 10)¹². Estas intervenções influenciaram na geografia e paisagem do riacho Maceió, “posteriormente foi aquele curso d’água, que passava pela Praça Sinimbu, desviado para o oitão do Hotel Atlântico, por onde sai toda a poluição de parte da Cidade infestando a Praia da Avenida e toda a Enseada de Jaraguá [...]” (PEDROSA, 1998, p.26).

Figura 9 - Planta da cidade em 1931 identificando os cursos do riacho antes e após a intervenção, assim como a área incorporada.



Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento (SEMPA), 2014. Adaptado, 2014.

Figura 10 - Mapa de 1955 (da linha do preamar médio de 1831) com a marcação do antigo leito do riacho Maceió e o território anexado.

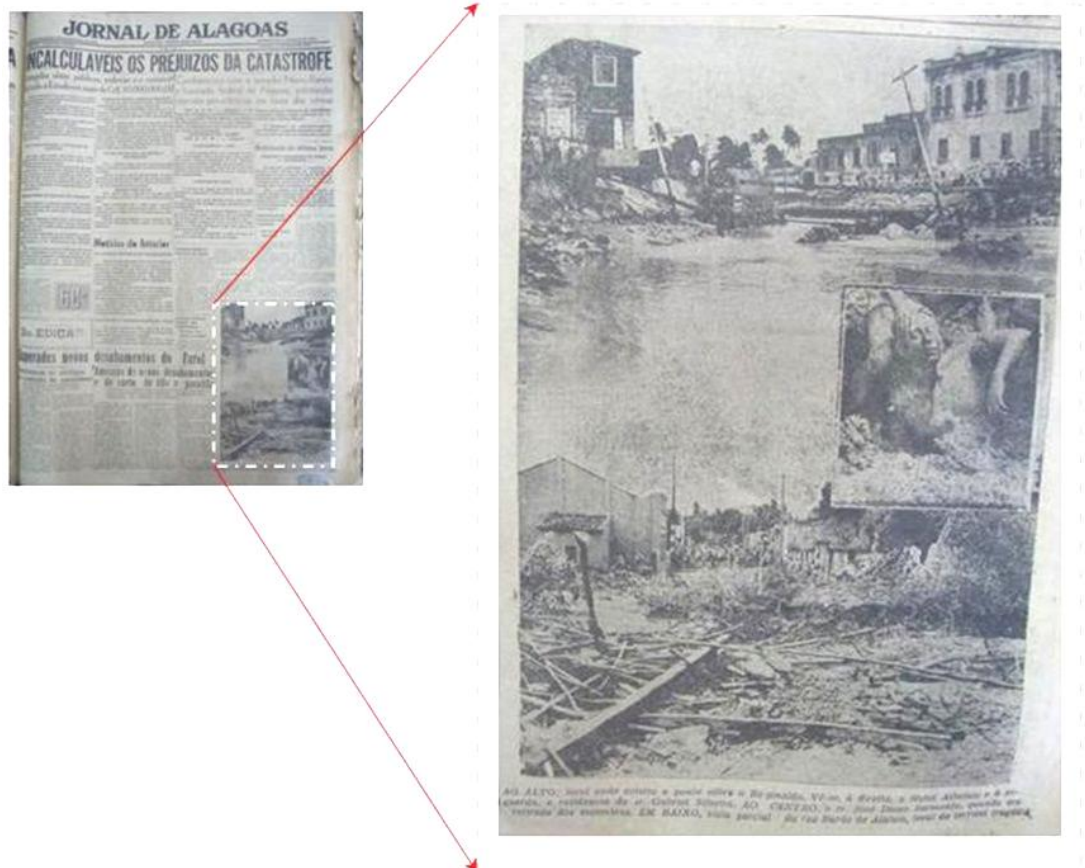


Fonte: Serviço do Patrimônio da União, 1955.

Como se pode observar na figura 10, a intervenção acarretou no aterro de boa parte de seu curso final com consequente expansão da planície litorânea no sentido sul, além de promover a retificação dos meandros do riacho Maceió, o que pode ter contribuído para a nova catástrofe ocorrida em 1949 ao contrário das intenções previstas em projeto (Fig. 11).

¹² Por não ter tido acesso ao projeto urbanístico sofrido pelo riacho, foi feita uma simulação da sobreposição dos cursos original e atual do riacho na Figura 10.

Figura 11 - Manchete Jornal de Alagoas em 1949: após obras de retificação, nova enchente gera grande catástrofe urbana.

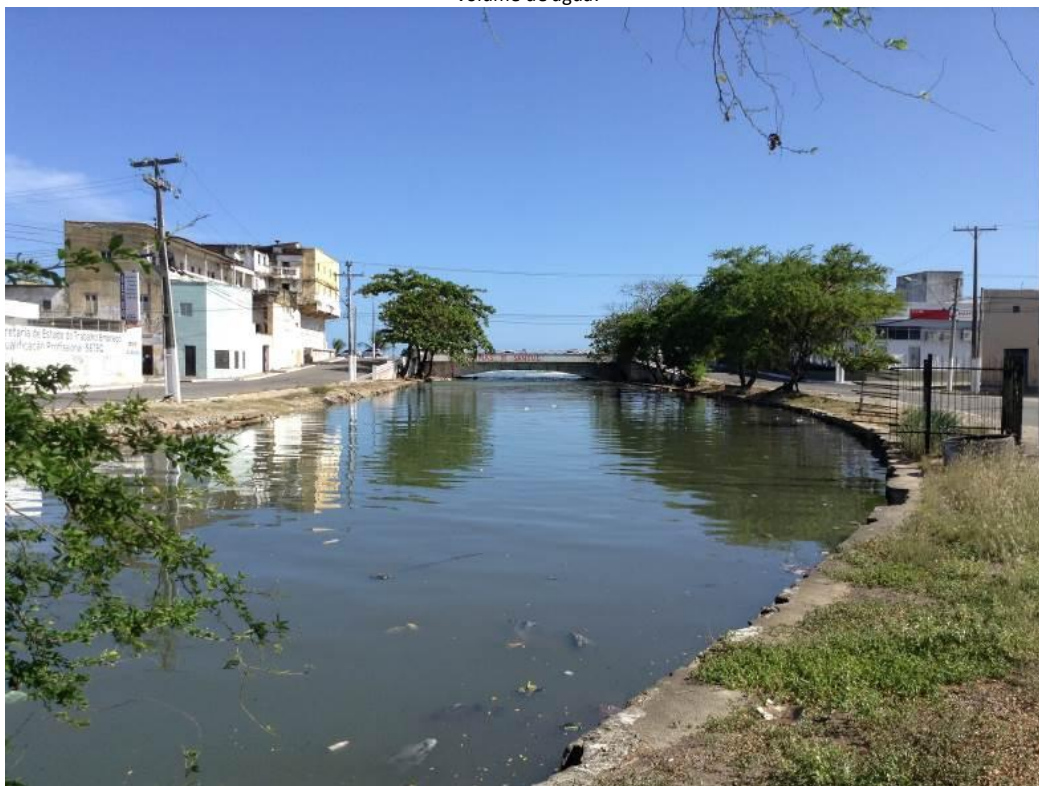


Fonte: Jornal de Alagoas, 21 de maio de 1949. Disponível em Arquivo Público de Alagoas – APA, 2014.

Apesar de ter tido seu curso alterado, o riacho Maceió tentou combater a ação do homem. Após declaração do Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS) sobre a importância da obra de retificação demonstrando suas vantagens para a vida da população, identificou-se registro em 01 de Outubro de 1947 em que se noticiava que o riacho Maceió “derrubou um dos paredões de represamento no lado oposto ao oitão do ‘Hotel Atlântico’” (JORNAL DE ALAGOAS, 1947), demonstrando seu “descontentamento” com o novo curso que lhe foi imposto.

Convém ressaltar que com a retificação, o riacho Maceió antes considerado um cartão postal da cidade perdeu sua identidade. Atualmente apresenta sérios problemas decorrentes do despejo de esgotos sem tratamento, agravados pela ocupação ao longo de toda a sua bacia, em torno da qual a cidade se desenvolveu rumo a uma área de planalto. Seu novo curso tornou a área em que desemboca, antes balneário bastante conhecido e visitado, imprópria para o banho, bem como assim se mantém a praia da sua antiga foz (Fig. 12).

Figura 12 - Riacho Maceió em sua foz atual, poluído e desvalorizado pela população em momento não frequente com grande volume de água.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2014.

Atualmente a sociedade não o reconhece mais como riacho, e pouco se sabe ou se fala sobre o que foi um dia o riacho Maceió e sua importância para a história da cidade e de sua ocupação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações entre sociedade e natureza se revelam não apenas a partir das intervenções materializadas, mas também através de intencionalidades socioculturais, econômicas e políticas reveladas por leis, documentos e planos urbanos.

A apropriação do riacho Maceió ao longo do tempo demonstra que a paisagem é uma construção, um processo resultante de forças diversas que convergem para o espaço urbano e dão forma e sentido a ele.

Atualmente o riacho não mais se apresenta como elemento natural de importância paisagística e simbólica em Maceió, mas como um elemento indesejável que apresenta sérios problemas decorrentes do despejo de esgotos sem tratamento, agravados pela ocupação ao longo de toda a sua bacia que corre paralelamente à ocupação urbana do Planalto da Jacutinga (Farol). As matas, que vinham em processo de desmatamento já denunciado por Brandão em 1917 foram substituídas por um grande adensamento de habitações precárias que despeja seus dejetos no riacho por ausência de saneamento. A devastação de suas margens também comprometeu o volume de suas águas, só incrementado durante períodos de chuvas.

Assim, o riacho Maceió, assim como outros elementos naturais presentes na geografia primitiva do território e com significativo papel no processo histórico da produção, foi sofrendo



um processo de transformação, artificializando-se e ao mesmo tempo distanciando-se do contexto urbano, quando antes existia a sua integração e apropriação pela sociedade. Hoje isso resultou no desconhecimento de grande parte da população sobre o seu sentido simbólico.

O plano de urbanização de Maceió da década de 1940 objetivava proporcionar a modernização e a expansão territorial e o fez, mas não sem trazer prejuízos significativos para o meio físico natural da cidade.

REFERÊNCIAS

- ALBAGLI, Sarita. Território e Territorialidades. In: LAGES, Vinicius; BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo (Org.). *Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva*. Sachs Prefácio. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ Brasília, DF: SEBRAE, 2004.
- ALMANAK do Estado de Alagoas. Maceió: Typ. do Gutemberg, 1891-1894, p. 70. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/almanak-estado-alagoas/707430>>. Acesso em: 10 fev 2014.
- ALMEIDA, Luiz Sávio de. (org.). *Traços e Troças: literatura e mudança social em Alagoas. Estudos em homenagem a Pedro Nolasco Maciel*. Maceió: EdUFAL, 2011.
- ANTUNES, Lúcia M. S (org.). *Rios e Paisagens Urbanas em Cidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Viana & Mosley: Editora PROURB, 2006.
- BRANDÃO, Octávio. *Canais e Lagoas*. 3 ed. Maceió: EdUFAL, 2001. Vol. 1.
- CAMPELLO, Maria de Fátima de Mello Barreto. *A construção coletiva da imagem de Maceió: cartões-postais 1903/1934*. Tese de doutorado em Desenvolvimento Urbano. Universidade Federal de Pernambuco, 2009.
- CAVALCANTI, Veronica Robalinho. *La production de l'espace à Maceió (1800-1930)*. Tese de doutorado em Desenvolvimento econômico e social. Université de Paris I, Panthéon-Sorbonne, 1998.
- DIEGUES JUNIOR, Manuel. Evolução urbana e social de Maceió no período republicano. In: COSTA, Craveiro. *Maceió*. Maceió: Edições Catavento, 2001. p.55-177.
- DUARTE, Abelardo. As Características histórico-geográficas da cidade de Maceió. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, Maceió: Imprensa Oficial, 1982. p. 13- 30.
- FERRARE, Josemary. Permanências modernistas na Praça Sinimbu – Maceió: em análise e proposta de preservação. In: 2º Seminário DOCOMOMO N-NE, Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 2. ed. aum. São Paulo: Nacional; Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979.
- LIMA, Ivan Fernandes. *Maceió a cidade restinga*. Maceió: CEPAL, 2010, p. 58-60
- LINDOSO, Dirceu. *Interpretação da Província – Estudo da cultura alagoana*. 2. ed. Maceió: EDUFAL, 2005.
- MARROQUIM, Adalberto. *Terra das Alagoas*. Roma: Editori Maglione & Strini, 1922. p. 81-133.
- PEDROSA, José Fernando de Maya. *Histórias do Velho Jaraguá*. Maceió: Editora Talentos, 1998.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EdUSP, 2006.
- _____. *Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. São Paulo: EdUSP, 2012.